

ARTIGOS

SANTO AGOSTINHO E A HERANÇA ROMANA (*).

RUY NUNES

da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo.

Quando se trata da educação na Idade Média, nunca se deve perder de vista que os estudiosos desse período, especialmente nos primeiros 700 anos, viveram exclusivamente da herança cultural romana. Não se lhes pode censurar a falta de conhecimentos científicos ou do cultivo da filosofia, sem que tal censura atinja frontalmente os romanos que organizaram e difundiram a cultura latina através do Império. Só que é preciso, ainda, levar em conta a situação lastimável da sociedade cristã nos primeiros tempos da evangelização desse mundo bárbaro que se estendia pelas florescentes províncias imperiais de outrora: o desaparecimento das escolas públicas, a extinção dos estudos, o desapareço pelos livros, as contínuas guerras, as pilhagens, os morticínios e os incêndios. Quando os mosteiros começaram a despontar na Espanha, na Itália, nas Gálias, como já haviam se disseminado na Irlanda, então, as letras encontraram de novo um asilo, e surgiram novas escolas em que se cultivaram os estudos e se publicaram livros manuscritos, embora o saber continuasse a jorrar das fontes romanas. Só nas regiões bizantinas, no Império Romano do Oriente, é que persistiram as puras tradições helenísticas de dedicação às ciências e à filosofia. E foi justamente nas obras científicas e filosóficas dos gregos, mas traduzidas para o siríaco, que se foram abeberar os muçulmanos, após a sua investida conquistadora sobre a Síria e as províncias helenizadas do Império bizantino.

Doutor Imortal.

Um pouco antes de se consumir o desaparecimento do Império Romano do Ocidente, morria Santo Agostinho, enquanto os vândalos sitiavam a cidade de Hipona, no Norte da África. Esse luminar da Igreja viria a ser não apenas o doutor imortal da Fé, como o mestre por excelência da primeira Idade Média. Até ao século XIII, a sua autoridade filosófica foi inconcussa, sem se falar da sua ascendência nas matérias propriamente teológicas. Pois bem, a Águia de Hipona sempre representou a máxima autoridade na orientação do estudo das sete artes liberais.

No capítulo 13 do Livro I das *Confissões* fala Santo Agostinho da sua aversão pela língua grega e do seu gosto pelo latim. *Adamaveram latinas (litteras)*, gostava muito da língua latina, diz ele, mas não da que é ensinada pelos *primi magistri*, os primeiros mestres, e sim da que é lecionada pelos chamados *grammatici*. As letras latinas ensinadas pelos primeiros mestres pareceram-lhe tão pesadas e aborrecidas quanto as gregas. Ora, como Agostinho confessa, os primeiros mestres ensinavam a ler e contar; tratava-se, portanto, do ensino elementar ou primário. Mas que ensinavam, por sua vez, os *grammatici*? O ensino desses mestres, prossegue Agostinho, obrigava-o a guardar na memória os erros de não sei que Enéias e a prantear Dido que se suicidara por amor. O *grammaticus*, sem dúvida, de acordo com esse depoimento, era o professor de literatura, que analisava em classe a *Enéida* de Virgílio.

Esse passo das *Confissões* está perfeitamente afinado (embora se apresente mais incompleto) com um lanço das *Flóridas* de Apulêio, escritor africano como Agostinho, e pouco anterior a ele. Diz Apulêio que sobre a mesa de um sábio há uma inscrição bem conhecida:

"A primeira taça é para a sede, a segunda, para a alegria, a terceira, para o prazer e a quarta para a loucura".

A taça das musas, ao contrário, prossegue Apulêio, quanto mais se esvazia, mais o seu conteúdo é puro e mais proporciona saúde à alma:

"a primeira taça, do *litterator*, acaba com o analfabetismo (*ruditatem eximit*); a segunda, do gramático, proporciona instrução, e a terceira, do retórico, ensina a eloquência. A maior parte das pessoas para por aí. Mas eu esvaziei outras taças em Atenas: a taça, sugestiva para a imaginação, da poesia; a taça límpida da geometria, doce da música, um pouco austera da dialética, mas

principalmente a taça inesgotável, e como um nectar, de toda a filosofia" (1).

No fim dessa tirada, Apulêio não se furta a celebrar a sua querida Cartago, Musa celeste da África, cidade de sábios, em que todas as ciências são estudadas pelas crianças, alardeadas pelos jovens e ensinadas pelos velhos.

Colhe-se dessa passagem das *Flóridas* que o *primus magister* a que se refere Santo Agostinho nas *Confissões* é o *litterator*, sendo que para Apulêio a ordem dos estudos, segundo a gradação dos mestres, se apresenta como curso elementar, do *litterator*; médio, dado pelo *grammaticus*; terminal, a cargo do *rhetoricus*, e superior, o curso de filosofia, dado pelo mestre dessa disciplina. Note-se, entretanto, que Apulêio declara ter sorvido o nectar da filosofia em Atenas, juntamente com as taças de várias artes liberais, como geometria, música e dialética, tendo mesmo declarado que a maior parte das pessoas terminava os estudos com o curso de retórica: *hactenus a plerisque poterra*, além das primeiras letras, duas das artes liberais, a saber, a gramática e a retórica, tendo entrado em contacto com as outras "taças" do saber liberal e da filosofia em Atenas. Por outro lado, há um epigrama de Marcial que parece confirmar o asserto de Apulêio.

*

O Barbeiro Cínamo.

Marco Valerio Marcial foi um espanhol que chegou a Roma no fim do reinado de Nero e que faleceu entre os anos de 101 e 104 de nossa era. Num de seus famosos epigramas, Marcial refere-se ao barbeiro Cínamo que se tornou cavaleiro graças aos préstimos de uma senhora, mas teve de fugir para a Sicília e para os reinos do Etna, perseguido pela justiça.

— "De que arte ou ofício te poderias valer, com a tua inutilidade, para enfrentar o peso dos anos? Como empregarás teu tempo de exilado infeliz? Não podes *serrhetor*, professor de retórica, *grammaticus*, de gramática, ou *ludi magister*, mestre de primeiras letras, nem Cínico nem Estóico (isto é, não podia ser filósofo), como, também, não podes vender a tua voz e os teus

(1). — Apuleius, *Florida*, 20. Ed. Rudolf us Helm, Leipzig, Teubner, 1910.

*

aplausos nos teatros sicilianos. Só te resta uma saída, Cínamo: voltar a ser barbeiro" (2).

Como vemos, Marcial cita os cargos de magistério, na ordem inversa de Apulêio, mas falando no mesmo sentido que ele, ao aludir ao *ludí magister* ou *literator*, ao *grammaticus*, e ao *rheticus*. O que Apulêio disse quanto à África do Norte, especificamente, a Cartago, disse-o, bem antes, Marcial, quanto ao ensino ministrado em Roma.

Se prosseguirmos, no entanto, com a leitura das *Confissões*, veremos que no início do Livro III, Agostinho declara ter ido para Cartago, onde se entregou aos estudos que "se chamam honestos" (cap. III) e se dedicou aos livros da eloquência (cap. IV). Ora, está claro que, segundo as *Confissões*, o seu autor, no fim do século IV, percorreu o ciclo habitual dos estudos que compreendiam as primeiras letras, o curso de gramática e o de retórica. Além disso, Santo Agostinho confessa que só travou relações com a filosofia, devido à leitura do livro *Hortensius* (hoje perdido), "de um certo Cícero", durante o curso de retórica. Aliás, em matéria de filosofia, Agostinho sempre foi um autodidata, uma vez que no seu tempo o estudo dessa disciplina estava decadente e praticamente desaparecera dos quadros de ensino em muitas regiões. Mas em várias passagens das suas obras refere-se Agostinho às artes liberais. Num dos seus primeiros escritos, o diálogo *De Ordine*, trata da origem das artes e cita a gramática, a história, a dialética e a retórica, a música, a geometria e a astronomia. Diz ele no livro II (cap. 12, 35) que a necessidade do homem de exprimir o pensamento e de se comunicar com os seus semelhantes deu origem à linguagem, enquanto a necessidade de se relacionar com os ausentes, assim como de numerar as coisas e os acontecimentos, produziu a descoberta do cálculo e da numeração. Desse modo surgiu a profissão dos calígrafos e dos professores de primeiras letras. Era como se fosse a infância da gramática que Varrão denominou *litterationem* (aprendizado da leitura, da escrita e do cálculo, a cargo, como já se viu em Marcial e Apulêio, do *literator* ou *ludi magister*). Em seguida, do estudo da linguagem surgiu a gramática que reclama a literatura (a existência de obras literárias em prosa e poesia), à qual logo se associou a história que perpetua por escrito tudo quanto é digno de ser lembrado. Além disso, acrescenta Santo Agostinho que o domínio dessas artes, que servem para satisfazer às necessidades da vida, e para o conhecimento e a contemplação das coisas, é difícilíssimo, a não ser para aquele que a elas se dedicou desde menino, empregando nisso muito engenho, entusiasmo e perseverança.

*

(2). — Martial, *Epigrams* (The Loeb Classical Library). Tradução de Walter Ker, vol. I, Book VII, Epigram 64. London, W. Heinemann, 1947.

Artes Liberais.

As *Retratações*, de Santo Agostinho proporcionam-nos preciosas informações a respeito da sua atitude quanto às artes liberais, primeiro em relação ao valor que lhes atribuiu, e depois, em relação ao seu elenco. No capítulo III do Livro I, ao tratar do *De Ordine*, há pouco citado, declara que nessa obra lhe desagradava ter dado excessiva importância às disciplinas liberais que

"muitos santos ignoram completamente, enquanto outros que as conhecem não são santos".

Logo adiante, no capítulo VI, refere-se aos seus livros de artes liberais, *de libris disciplinarum*, afirmando que em Milão, na mesma época em que ia receber o batismo, tentou escrever livros sobre as artes liberais, tendo terminado apenas dois, sendo um sobre a gramática — que se perdeu — e o outro, sobre a música, obra dividida em seis livros ou partes. Quanto às outras cinco disciplinas, *de aliis vero quinque disciplinis*, os livros só foram iniciados, e mesmo esses exórdios se perderam. Santo Agostinho cita por ordem essas disciplinas: a dialética, a retórica, a geometria, a aritmética e a filosofia. Se compararmos essa lista com a citada no *De Ordine*, veremos que nas *Retratações*, a astronomia foi substituída pela filosofia. Talvez se possa explicar tal substituição, considerando-se que a filosofia das *Retratações* seria a física, parte da filosofia, mas que era habitualmente incluída na Astronomia do ciclo das artes, valendo-se Agostinho desse expediente para evitar a astrologia, superstição que enredava tantos espíritos. Outra explicação que se poderia aventar repousaria na suposição de que Agostinho nada mais fizera na lista das disciplinas liberais apresentada nas *Retratações* que adotar o esquema divulgado pelo neoplatônico Porfírio, autor estudado por Santo Agostinho e que figura entre os ilustres *platonici* citados na obra *De Civitate Dei*, como Plotino, Jâmblico e Apulêio (3). Aliás, se examinarmos atentamente as listas de artes liberais formuladas por Heráclides, o Pôntico, Arce-silau, o Pseudo-Cebes, Filão de Alexandria, Sêneca, Sexto Empírico, Orígenes, Anatólio de Laodicéia, Porfírio e Lactâncio, conforme o quadro apresentado por Marrou em sua obra *Santo Agostinho e o fim da cultura antiga*, iremos concordar com esse, autor, quando resolve substituir o termo filosofia, que figura na lista de Porfírio, pelo de dialética, tendo o filósofo neoplatônico usado o primeiro termo, conforme F. Marx, por razões de métrica. A classificação de Porfírio foi conservada por Tzetzes, na sua obra *Chiliades*, e Stephen D'Irsay

(3). — Charles Boyer, *Christianisme et Néo-Platonisme dans la Formation de Saint-Augustin*, Roma, Officiun Libri Cathilici, 1953, pág. 75.

cita os famosos versos gregos em sua *História das Universidades*, enquanto Marrou, na obra citada, só os menciona (4) . Examinando-se os versos de Tzetzes, observa-se que a palavra final do segundo, *philosophias*, rima com a última do quarto verso, *geometrias*, e a do quinto, *astronomias*. Santo Agostinho, portanto, pode ter conhecido e adotado a classificação das artes liberais apresentada pelo filósofo Porfírio, que ele talvez não conhecesse por ocasião do diálogo *Sobre a Ordem*, que é obra da sua juventude, anterior ao batismo. Já no *De Ordine*, porém, ele deixa entrever que distinguía entre as artes e a filosofia, quando depois de as numerar e examinar miudamente, alude à disciplina da filosofia (livro II, cap. 18, 47) que englobaria a consideração da unidade dos números, feita pela matemática, mas de um modo muito mais profundo e divino. Por outro lado, convem não esquecer que Santo Agostinho conhecia a fundo a obra de Cícero, que este num passo do *De Oratore* (Liber III, cap. 32, 127), ao aludir ao sofista Hípias de Élis, que se vangloriava de conhecer todas as artes, e inclusive de ter até mesmo fabricado o anel que trazia no dedo e a roupa que vestia, afirma que conhecia, também, as doutrinas liberais próprias de um nobre, *liberales doctrine atque ingenuae*, tal como a geometria, a música, o conhecimento das letras e dos poetas, da ciência física, da moral e da política. Como será fácil comprovar, essas idéias ciceronianas estão presentes nas considerações que em várias passagens de suas obras Santo Agostinho teceu a respeito das artes liberais.

•

As Influências Determinantes.

Finalmente, convem observar que as idéias pedagógicas de Quintiliano deviam ser familiares a Santo Agostinho. E o autor da *Instititio Oratoria* diz, logo no início da sua obra (Livro I, cap. 10), que os meninos, antes de passarem para as mãos dos retóricos, devem ter percorrido o círculo (*orbis*) de conhecimentos que os Gregos denominam *enkyklion paideian*, e que abrange o estudo da gramática, geometria, música, aritmética e astronomia. Mas, depois de tudo, e ao lado das influências que teriam atuado sobre Santo Agostinho no tocante às artes liberais, só resta insistir na lembrança de que, realmente, um dos maiores influxos que ele pode ter recebido foi o de Varrão, autor que ele tanto citou no *De Civitate Dei*, e que dedicou uma obra especialmente à apresentação do conteúdo das Nove Disciplinas, que serviram de base e de inspiração para Marciano Capela, contemporâneo de Agostinho.

(4). — Stephen d'Irsay, *Histoire des Universités*, Paris, Picard, 1933, Tomo I. pág. 35, nota 7.